

# O ACADEMICO

SEMENARIO ILLUSTRADO

ASSIGNATURAS

1 mez..... 100 réis  
3 mezes..... 300  
Numero avulso 30 réis

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

11 - LARGO DO CAMÕES - 4.º

LISBOA

IMPRENSA LUCAS

93 - Rua do Diario de Noticias - 93

Editor - Candido Chaves

## UNIÃO DAS TUNAS

Já que tanto se falla na união das tunas academicas, seja nos permitido tambem emittir a nossa opinião, que desde já declaramos divergir, em parte, da expendida pelo nosso illustre collega *Voz da Patria*.

Artes, porém, de dizermos da nossa justiça, repetiremos a declaração já feita de que não somos, não procuramos nem queremos ser órgão de qualquer tuna. E dito isto para edificação de todos passaremos ao assumpto.

Concordamos, em principio, com a união das tunas; se tal se conseguir será um grande avanço para a união da academia de Lisboa, julgamos mesmo que essa união se torna indispensavel, mas não podemos concordar com a *Voz da Patria* quando afirma que a iniciativa do movimento n'esse sentido podia partir da tuna da Escola Polytechnica.

N'esta parte é que nós discordamos absolutamente; essa iniciativa só pôde e deve partir, n'este momento, d'aquella tuna que se sinta fraca para viver independente.

E' sabido que as tunas não teem umas pelas outras uma grande sympathia, e ainda agora isso ficou bem provado pela forma como cada academico discute e aprecia os actos praticados pela tuna a que não pertence.

Toda a gente diz que, embora muitas vezes com apparencias amigaveis, ellas se guerreavam, defendendo cada qual a aggremação illegal a que pertencia com um denodo de passar.

E, não se admirem de chamarmos illegal á fórma porque cada tuna está constituída. Illegaes são todas as associações que não tenham uns estatutos por que cada associado saiba quaes são os seus deveres e os seus direitos. Mas, deixemos isto que não é o nosso assumpto hoje, e continuemos a expôr a nossa opinião sobre as tunas.

Ha mais d'um anno que se fundaram as differentes tunas e ninguem no decorrer d'esse periodo de tempo fallou na união d'ellas até que, segundo nos contam, os casos ultimamente narrados por diversos jornaes como succedidos á tuna academica no seu ultimo passeio, vieram lembrar a conveniencia das tunas se unirem.

Mas, conveniencia para qual?

Realmente a junção das tunas é necessaria, todavia, não achamos agora propicia a occasião, mas a dar-se não deve ser feita em termos vagos, deve-se saber qual foi a que fraquejou. Assim ficaremos sabendo para qual foi a conveniencia, e da lucta travada qual sahiti vencedora.

Se é a tuna da Escola Polytechnica a que se sente mal, então seja d'essa o primeiro grito para a união das tunas; mas se ella não carecer d'esse auxilio para que o ha de pedir? A tuna do lyceu não nos parece a necessitada, ainda no seu ultimo passeio provou viver bem sem auxilios.

Resta a tuna academica de Lisboa; será essa a tuna que precisa auxilio?

Se não é, parece-nos melhor continuarem separadas ainda por algum tempo para dissipar a ideia de que a junção se faz na fraqueza d'esta ou d'aquella; se é, então soffram lhe as consequencias, matando-se e pedindo de-

pois as outras tunas auxilio para resuscitar.

Mas, dir-se-ha que a fraternidade academica mandava de preferencia auxiliar immediatamente a tuna doente, em lugar de a deixar morrer para depois a resuscitar. Talvez, mas por cima dos principios d'essa fraternidade estão as obras de misericordia e uma d'ellas manda castigar os que erram.

## ILLUSÃO

AO JORGE DE CASTILHO

Noite cheia de luar,  
Socego p'lo mundo em fóra.  
O vento mmsinho géme  
Com uns gemidos de nóra.

## D. Ludumilla da Motta Portocarrero Pinto

Santa e nobre é a missão de educadora, quando se acceita como um sacerdocio, não como um officio, quando no altar da consciencia se fazem votos solemnes de dedicacão ao ensino, e não no templo do egoismo se procura propiciar o deus do interesse material; santa e nobre missão, a que o nosso paiz deve, — honra é confessal-o, — grande parte da transformação e levantamento do nivel intellectual, realisados no correr do ultimo meio seculo.

Mas, se muito é o tomar sobre si o encargo piedoso de ensinar os ignoran-

mas primeiro preparai vos para amar as creancinhas, como se vossos filhos fôsem!

O milagre realisou-se; o mister do professor ennobrecer-se, e, no corpo docente das escolas primarias, começaram a inscrever-se, em letras de ouro, nomes laureados e gloriosos, entre os quaes avulta o de D. Ludumilla Motta Portocarrero Pinto, cujo retrato estas singelas palavras são destinadas a acompanhar.

Nascida na formosa cidade do Nabão, cedo lhe brotou n'alma a ancia do saber e a vocação de transmitir ás creancinhas os conhecimentos pelo estudo adquiridos; e assim a vemos, em plena mocidade, completar o curso da Escola Normal de Lisboa, sendo a primeira classificada, entre numerosas concdiscipulas; e tão breve adquiriu o diploma, como logo conquistou com elle, em concurso, o lugar de professora do Asylo de D. Pedro V, no Campo Grande, lugar de que, por motivo de doença grave, teve de pedir a exoneração algum tempo depois, tendo a direcção do estabelecimento grande reluctancia em conceder-lh'a e sendo honrosissimos os documentos officiaes em que manifestou o apreço pela maneira como alli desempenhára o serviço.

Apenas convallescida, apresentou-se ao concurso da escola de uma freguezia rural no concelho de Ferreira do Zezere, e, obtido o provimento vitalicio, ahí a temos, voluntariamente desterrada do grande movimento da vida intellectual de Lisboa, a pôr á prova a sua abnegação no sacerdocio do ensino, a conquistar a estima e a consideração das principaes familias da localidade, de cujos filhos ia dirigindo a educação, a receber do commissario de estudos do districto de Santarem repetidos documentos de alta estima e applauso, pelo modo como desempenhava as suas funcções officiaes.

Mas a nostalgia da capital devia prevalecer á serena beatitude da vida da aldeia, mas a consciencia do proprio merito devia segredar-lhe que não era para ficar ignorado n'aquelle meio suave e affectuoso, mas sem horizontes abertos ás legitimas aspirações.

Disputavam-se, por esse tempo, as collocações em Lisboa, com tal empenho e calor que, por causa de um logar cobiçado e muito pretendido, esteve a pique de occorrer nada menos do que uma crise ministerial; e foi no meio d'esta lucta de interesses que a modesta, mas já satisfactoriamente conhecida, professora da freguezia das Areias veiu disputar o unico logar vago, na escola parochial da Encarnação.

Disputou e venceu! Os seus honrosos documentos valeram mais do que todos os empenhos das competidoras!

Cantando victoria, D. Ludumilla não adormeceu á sombra dos louros, antes redobrou de esforços na conquista dos melhores creditos, e viu coroada de exito a sua tenaz boa vontade; pois, não só os commissarios de estudos, os conselheiros Augusto José da Cunha e Silva Amado a distinguiram sempre, nomeando-a para os jurys de exames do magisterio e mais commissões de serviço, mas ainda o seu bom nome se realçou no ensino particular para que foi sollicitada por familias muito distinctas.

Os serviços de instrucção primaria



D. Ludumilla da Motta Portocarrero Pinto

E a lua vai caminhando,  
Pastorinha guardadora,  
Com seu rebuho d'estrellas  
Pela estrada encantadora  
Onde, pelas noites lindas  
Perde as noites seismadora.

Toda em paz a natureza  
Que nem corre viração.  
E n'uma noite tão linda,  
Tão triste meu coração!  
E vem tod'esta tristesa  
De, ao ter-lhe beijado a mão,  
Toda lyrios e assueenas,  
Ter-me esta dado a illusão  
De ser branco malmequer  
Que é d'Amor Ordenação.

Peço p'ra ler meu destino.  
Ella a sorrir m'o consente:  
«Bem-me-quer» disse o primeiro.  
Dou-lhe um beijo de contente!  
«Mal-me-quer» disse o segundo.  
Beija-me ella innocente,  
Vem o terceiro e diz: «muito».  
De novo a beijo fremente!  
Diz-me o quarto: «ama-te «pouco»  
Quinto: «nada» o maldisente!

E por suppor, por um instante,  
Que não me ama o meu enlevo,  
Treme-me a mão: E a penna,  
Com que esta dôr te descrevo,  
Chora lagrimas de tinta  
No papel em que t'escrevo.

LUIZ QUIRINO MONTEIRO.

tes, muito mais é o levar para a escola o coração aberto a todos os affectos para as creancinhas, ainda as mais desvalidas da sorte, saber amal-as e saber fazer-se amar por ellas, no suavissimo laço de sentimentos, que deve prender o mestre aos alumnos.

E quando, ao mesmo passo que se ensina, se educa, enriquecendo-se simultaneamente o cerebro do alumno e formando-se-lhe o caracter moral, a missão do professor sobredoura-se de maior prestigio, o sacerdocio assume mais vastas proporções e mais e mais se torna respeitado e respeitavel o professorado primario, essa phalange de luz, esses devotados obreiros do progresso e da civilização.

Desde que o sonhador sublime, que se chamou Castilho, viu realisado o seu ideal de levar á escola primaria a alegria e o affecto, que d'ella andavam divorciados nos antigos processos de ensino, a iniciativa no professorado teve de preparar ao mesmo tempo as funcções intellectuaes e affectivas do mestre primario, teve de dizer a professoras e professoras: Sabei, para ensinar,

am passar para o municipio de Lisboa, que naturalmente timbrava em escolher os professores mais illustres e idoneos, para as escolas, que iam adquirir vida nova sob o impulso da inquebrantavel e benefica actividade de José Elias Garcia. D. Ludumilla teve a honra de ser convidada então para regente da primeira escola central do sexo feminino, que se ia abrir e a que havia de competir o numero 5, e n'essa commissão de serviço se encontra ainda hoje, tendo visto passar largo numero de gerações escolares e reparando o seu saber e o seu affecto maternal por centenas de creancinhas.

Nas conferencias pedagogicas da circumscripção de Lisboa, de 1882 e 1884, foi nomeada para as mais arduas e delicadas commissões, sendo o seu voto sempre attendido e apreciado, tanto pelos collegas do professorado, como pelas autoridades que superintendiam no ensino.

Passamos rapido sobre a sua nomeação para reger interinamente uma das aulas da escola normal, sobre a monographia, que, a pedido de Bernardino Machado, escreveu ácerca da escola central, para ser presente ao congresso hispano-portuguez-americano de 1892, e ainda sobre as varias e importantes commissões de serviço que desempenhou para organização de programmas de ensino e de concursos horarios e outros, emquanto a instrucção primaria esteve a cargo do municipio e que lhe valeram louvores officiaes pelo zelo e intelligencia com que d'ellas se desempenhou.

Passamos rapido sobre todos estes titulos á benemerencia, porque temos pressa de entrar na Escola Maria Pia, organizada em 1885 e reorganizada em 1890.

Foi um excellento homem, todo de dedicação pelo ensino das creanças que, sendo vereador, creou, com approvação da camara, esta escola, destinada a ministrar o ensino secundario e prendas do sexo ás meninas, cujos meios de fortuna lhes não permittissem completar a educação nos bons collegios de fama, e para em tudo ser abençoada a idéa de Jayme Veiga, escolheu para regente do novo estabelecimento, verdadeira instituição de caridade intellectual, a laureada e festejada professora, que ininterruptamente se tem conservado e ainda hoje se conserva, para gloria sua e da escola, no lugar que desde a criação lhe foi confiado, e que, sem offensa de nenhuma professora, ninguém desempenharia com mais proficiencia e acerto, com mais solicitude e amor.

Considerada e respeitada pelo corpo docente, onde se contam os nomes mais notaveis e illustres do ensino superior e secundario, D. Ludumilla, a prestigiosa regente, é o idolo das alumnas, não já as creancinhas de tenra idade, facéis de guiar pela caricia, mas meninas em pleno vigor da mocidade e até não raro senhoras, de varias procedencias sociaes e de variadissimas, educações domesticas, que todas á una a respeitam e lhe recebem a lição moral ainda mais valiosa e mais aproveitada do que a lição intellectual de todos os professores.

Esta escola, que tem diffundido um grau mais elevado de instrucção pelas camadas que, sem o seu beneficio, difficilmente a poderiam ter alcançado, e que tem habilitado innumerables meninas a poderem ganhar honestamente a sua vida ou a levarem para o lar conjugal a alegria e vantagem do saber e a habilitação do educarem os filhos, esta escola, nos dezeseis annos contados de existencia a caminho de dezeseite, tem primado sempre pela sua moralidade e correção e é a favor d'estes bons creditos adquiridos e sustentados que todos os annos accorrem á matricula muito mais de cem meninas de todos os bairros de Lisboa, a acolherem-se sob a aza protectora e maternal da regente.

Vae no lustre e desvelo d'esta regencia o melhor titulo de gloria de D. Ludumilla Motta Portocarrero Pinto como professora e educadora.

O melhor titulo de gloria, não é bem assim, porque ainda ha outro que pre-

valece a este, e é que as alumnas da fundação da escola, hoje senhoras feitas e com destino fixado no mundo, e as de todos os annos que se lhe foram seguindo successivamente ainda hoje são delicadas amigas da sua regente, ainda têm da sua regente a mesma amizade que lhes consagrara nos bancos escolares.

Estas ligações pelo affecto, este prender de gerações, este desdobrar do coração em amor sempre renascente, é que dá ao professorado o caracter sublime de sacerdocio, é que faz de D. Ludumilla uma benemerita da instrucção e, ainda mais, da educação moral.

A. M. DA CUNHA BELLEM.

## VIDA SANTA

AO AMIGO MANUEL RIBEIRO

Havia já um bom bocado, que ali estava á porta da casa, á espera do ferreiro.

Na volta dos Casais a mulhinha preta tinha-se desferrado e o abbade meticoloso e como lhe fôsse no caminho, tinha-se quedado ali na casa do ferreiro.

— Olá, mestre! gritou elle para a officina, inclinado pelo pescoço da mula.

Ninguém lhe respondeu.

Apeou se e emquanto prendia a mula á argola, gritou de novo:

— Eh! gente! não está ninguém?

E entrando por ali dentro farejava uma porta entre-aberta de um corredor que mostrava lá ao fim uma nesgaita de terra.

— Quem é? Já lá vai! respondeu numa voz longuica o ferreiro.

— Não se demore homem que eu tenho pressa.

O abbade ia arranjando lugar no banco, encostado á casa, na sombra duma parreira.

Para diante a perder de vista eram os montes dum tom verde secco dos matos e fetos; em baixo os campos dum amarelo esverdeado dos triguais e milhos que pendiam exaustos por aquelle grande calor do meio-dia.

As arvores que acompanhavam a estrada de lado a lado jaziam quietas, as folhas voltadas pelo ar abafado e quente sem uma leve aragem.

Em frente no terreiro algumas galinhas passeavam de bicos abertos, encalmadas...

— Olha o marôto! Tão pequêno...

Era um galito da India, pequenino ás bicadas ás gallinhas a querer-lhes provar que era macho e a exigir-lhe os seus direitos como tal.

— Ora não quer lá ver!

E o abbade ria a grandes gargalhadas, limpando o suor da cara.

— Viva o nosso prior! Então o que o traz por cá!

Era o ferreiro em camisa, mangas arregaçadas, peito ao ar, mostrando a forte musculatura desenvolvida pelo trabalho pesado da forja e do malho.

— Olá, mestre! Pois foi a mulhinha que se me desferrou á volta dos Casais e como passava por aqui aproveitei.

— Então hoje aos Casais? Houve por lá novidade?

— Não, homem! Não houve nada. Fui eu que quis lá ir e depois?

E o abbade sorria para o ferreiro.

— Desculpe, sr. prior! Isto é costume nosso.

— De você! De você! mas não faz mal. Arranje lá a mulhinha que eu não me posso demorar. Já a Rita deve estar com cuidado!

— E é verdade? Ella vai melhor?

— Na mesma! Ella lá anda, mas aquillo já não tem cura. Demais tão velha. Qualquer dia vae-se-me. Coitada! boa mulher!

— Bem boa! Como aquella não torna o sr. prior a arranjar outra.

— Não! Não...

O ferrador entrava em casa a buscar a ferramenta para arranjar a mula; o abbade inclinava a cabeça para o peito a scismar na Rita.

Com oitenta annos já a tia Rita tinha andado sempre com elle. Desde que se entendia, que ella era lá a criada de casa; pois se tinha ido para lá aos vinte e até o vira nascer, tinha sido ella a sua companheira inseparavel dos baldois que elle já tinha tido depois de padre, ora para ali, ora para acolá, emfim para onde o mandavam.

Fôra a Rita, que com o seu pequeno ordenado de criada lhe pagara os estudos para elle seguir a padre. A mãe tinha-lhe morrido — como se lembrava bem! — num dia muito escuro a chover muito.

Tinha então elle treze annos e a Rita quarenta a sete. Ficara sem ninguém! O pai, esse nunca o conhecera e a mãe dissera-lhe que tinha morrido. Talvez? E a Rita que sabia toda a sua historia tambem lh'o dizia.

Que cuidados ella tinha para elle! Pois se era quasi sua mãe! Muito lhe devia! Coitado! E agora aquella doença que lh'a ia roubar. Já tão velhinha! oitenta annos! oitenta annos!...

E duas lagrimas lhe caíram dos olhos.

— Está a dormir, sr. prior?

— Não! Estava cá a malucar a vida!

— Pois a mulhinha está pronta! Quando quiser...

— Bom! Adeus, mestre, até depois.

Montou a mula e seguiu estrada fóra, o sol a bater-lhe de chapa nas costas emquanto o ferreiro ficava á porta a olhar a aquelle cabeça muito branca em scintillações de prata como a formar um resplendor para aquelle santo — o abbade...

Lisboa — 1902.

JOÃO PASSOS.

## PERMUTA

Pedimos aos jornaes que receberem O ACADEMICO, o favor de permutarem connosco.

## AVISO

E' este o ultimo numero que remettemos aos nossos collegas que ainda nos não enviaram os seus respectivos jornaes.

## A RIR

*Está tomando incremento,  
A união dos Tunantes,  
E ha discussões constantes,  
A todo, a todo o momento*

*Um, com gesto furibundo,  
No meio da vã polemica,  
Desfaz a tuna Academica,  
O ceu, a terra e o mundo!...*

*Outro com sagacidade,  
Procura ali demonstrar,  
Que é preciso acabar,  
Co'a falsa fraternidade.*

*Depois termina a questão,  
E diz puzando as melenas,  
Que se pergunte ás pequenas,  
Qual a sua opinião...*

*Eu ao ver o desalinho,  
Da querella impertinente,  
Fui perguntar a um lente,  
Qual era o melhor caminho*

*«E' difficil conjuntura,  
(Diz com modos nada maus)  
«Experimente a 1000 graus,  
«Elevare a temperatura»*

*«E se a fallada fusão  
«Nem assim se conseguir»  
«O melhor é a seguir,  
«Ativiar a pressão.»*

## O THEATRO MODERNO

### ORIGENS

(ESTUDO HISTORICO LITTERARIO)

(Continuação)

Cobarde, louco e perverso, Nero, apenas ouvia echoar no Palatino os clamores: *Panem et Circenses*, appressa, va-se a cumprir a vontade da plebe, não só pelo receio d'um movimento revolucionario muito perigoso n'essa occasião em que a sua vida e a soberania eram tão instaveis, mas tambem poter enaejo propicio de exhibir em publico as suas habilidades de musico e farcista, sacando assim a sua ridicula ambição da celebridade artistica que lhe grangearia a immortalidade nos seculos posteriores.

Nero escolia, pois, esses momentos em que a populaça desenfreada pedia pão e jogos para se mostrar no circo, resplandecente d'ouro e vaidade, recitando-nos intervallos dos combates dos gladiadores, alguma estrophe da sua extravagante inspiração ou acompanhando ao alaúde algum canto do seu esteril e mesquinho estro musical.

O insigne bôbo recebia então da multidão que o escutava no amphitheatro applausos e saudações nos versos e attitudes mais tragicas ou nas melodias mais expressivas; o favor popular incitava o a proseguir na sua orgulhosa carreira de musico e poeta.

O filho de Agrippina protegia assim a arte dramatica discentindo com Seneca e Lucano a litteratura grega e romana e enchendo de regalias e privilegios os actores e trôes da sua corte.

Ancioso por novos triumphos e de sensações grandiosas Nero manda incendiar Roma, para que o horroroso quadro lhe fornecesse o colorido real que a sua cruel imaginação necessitava para a elaboração do seu maior poema: a *Troiada*, que lhe havia de conquistar os louros d'um successo universal.

A sua indole cynica e medrosa não tardou a suggerir-lhe mais outra espantosa proversidade. Depois do incendio a plebe eufurecida reclamava vingança contra o incendiario; Nero, para salvaguardar a sua vida, lança sobre os christãos o libello accusatorio que a gentilha furiosa lhe imputava.

Esta infamissima calunnia ha para elle do duplo proveita; fornecia-lhe um meio seguro de salir a salvo de arriscada situação que a sua estulta imbecilidade o havia collocado e, sacrificando os os martyres do christianismo, vibrava assim um golpe profundo na nova seita que rapidamente ia alastrandando e cujo poderio chegaria a ponto de soffocar o seu.

A terrivel perseguição que os erarios da recente doutrina sofreram abalos violentemente o christianismo, mas Pedro e Paulo, os diletos discipulos do Mestre foram disseminando os germens que mais tarde fructificaram e perpetuaram a propaganda do Nazareno.

Depois da revolta das regiões gaulizas capitaneadas por Vindex, pretor da Gallia, que obrigou Nero a suicidar-se foi o throno occupado, successivamente por Galba, Othão, Vitellio e outros soberanos que perseguiram continuamente os christãos, até á proclamação de Constantino Magno.

Depois de tantas e tão esmagadoras vicissitudes a religião chrirtã encontra por fim n'este principio um estremo defensor. Constatino convoca, o concilio de Nicea e faz adoptar esta religião como official. Era o primeiro grande triumpho da Igreja, e o alicerce fundamental da sua hegemonia definitiva.

Alguns annos depois, Juliano o Apostata procura restabelecer ainda o culto pagão mas os seus esforços foram inuteis, porque a divina creença estava arraigadamente incutida no animo de todos os subditos imperiaes, que por hereditiedade a iam transmittindo ás gerações vindouras.

(Continúa).

## CHRONICA SCIENTIFICA

O PLANETA MARTE  
(BREVES APOSTAMENTOS)

De todos os planetas do nosso sistema é Marte o que mais analogia apresenta com a Terra, e um dos planetas que mais tem despertado a nossa attenção.

Conhecido pelos povos da antiguidade, e notado principalmente pela coloração avermelhada da sua luz, foi chamado Har-tesch e Armachis pelos egypcios da XIX dynastia, posteriormente no zodiaco de Denderah designado por Horus, o vermelho. Os gregos acompanhavam-no geralmente do epitheto de incandescente, e o nome que lhe deram os hebreus significava abrasado.

Na China foi-lhe dado o nome de Tch'i-Sing, o planeta vermelho; e pelos indios o de Angara-ka, carvão ardente.

Foi essa mesma côr avermelhada que fez com que na mythologia romana Marte fosse considerado o deus da guerra, do sangue e das violencias.

As primeiras observações astronomicas d'este planeta datam do anno de 2441 A. C. e foram feitas pelos chinezes no reinado do imperador Chuen-Kuh; contudo a mais antiga determinação da sua posição data do anno de 272 A. C. feita pelos egypcios da XIX dynastia pharaonica.

Seis vezes e meio mais pequeno que a Terra, em volume, apresenta-se á unidade de distancia com um diametro angular de 9'57.

Colocado entre a zona percorrida pelos pequenos planetas e a orbita da Terra, acha-se Marte á distancia de 58 milhões de leguas do Sol, percorrendo a sua orbita em 669 dias de 24 horas, 37 minutos e 23 segundos.

A inclinação do eixo da rotação d'este planeta é de 28° 42', 5.º a mais que a da Terra, resultando serem ali as estações um pouco mais prolongadas.

Marte tem dois satellites descobertos em 1887 por M. Asaph Hall no observatorio de Washington, sendo-lhes dados os nomes de Deimos, o terror e Phobos, a fuga, da lenda mythologica que dizia serem Deimos e Phobos, filhos de Marte, que guiavam o carro em que este deus ia acompanhado de sua irmã Enis, a discordia.

Examinado á vista desarmada apresenta-se com o aspecto de uma estrella de primeira grandeza; examinado por um oculo astronomico ou pelo telescópio apresenta-se Marte, nas melhores condições de visibilidade, deixando ver o seu solo.

Junto aos polos d'este astro, hoje um dos mais bem conhecidos, notão-se umas manchas brancas, variaveis com a epocha do anno, devidas a massas consideraveis de gelo, como acontece no nosso globo.

E' hoje indiscutivel a presença de atmosfera n'este planeta, basta reconhecer a existência da agua, que sem atmosfera não podia existir no estado livre á superficie de Marte.

Tem sido o estudo do aspecto geographico d'este planeta que mais tem despertado hoje a attenção de todos os

que se interessam pelo estudo da astronomia e pela resolução do problema de habitabilidade nos outros astros.

De todos os factos passados na superficie d'este planeta a descoberta dos canaes feita em Marte por M. Schiaparelli é talvez um dos que mais tende a provar que em Marte se passam phenomenos que parecem ser devidos a seres vivos que ali habitem.

Os canaes de Marte são traços acinzentados com mais de 1.000 kilometros de comprimento por 100 de largo, geralmente rectos, por vezes curvos, que sulcam a superficie d'este planeta em todas as direcções e com um aspecto geometrico bastante definido.

A impressão de que esses canaes não existam, mas sejam devidos a uma illusão de optica é a que primeiro nos fere a imaginação, principalmente pela sua regularidade, mas como admittil-o se varios observadores e com variosapparelhos os tem observado?

O mais curioso porém d'este phenomeno consiste no desdobraimento d'esses canaes em determinadas epochas, em que se fórma junto a cada canal um outro com dimensões approximadamente identicas e parello ao primitivo.

O aspecto geographico d'este planeta é bem de molde a impressionar a nossa imaginação, fazendo-nos crear em phantasia individuos que se accomodem a esse meio, tão analogo ao nosso, mas ao mesmo tempo tão differente.

Terra com duas luas, sulcada de canaes enormes que se modificam, de golphos, como o de Kaiser, que se estreita, de mares que se deslocam, como o de Terby!

Creado o homem em condições especiaes para o meio em que vive e inteiramente sujeito a elle, que grau de similhaça poderá apresentar com a humanidade de Marte, se por acaso existir?

Será o homem de Marte dotado de um desenvolvimento cerebral superior ao nosso, de uma civilização mais requintada, pertencendo a um planeta mais antigo que a Terra?

Problemas tanto menos arrojados, quanto mais a sciencia progredir e se desenvolver. Deixou-nos o fim do seculo XIX, entre outras maravilhosas descobertas, a da telegraphia sem fios e a dos raios X. Não pertencerá ao seculo XX outra descoberta ainda maior a realisação do sonho de Tesla, as communicações inter-planitárias pelas vibrações hertzianas de oscilladores especiaes?

J. V. CELESTINO SOARES.

## FABULA

(A uma poetisa que recusou as  
minhas lições de francez)

Um burro quiz um dia  
Hombrear em saber com sabias gentes  
E a mostrar os dentes  
Zurrou altisonante, uma poesia.  
Tremeu a terra ouvindo berros taes,  
Mas o burro era burra, e sendo assim,  
Não ha por este mundo, quanto a mim,  
Quem o zurrar não julgue uns ternos aie,

Julgou-se o asno algum. E quiz mostrar  
Aos homens boquiabertos  
Que os burros, muita vez tambem são es-  
peritos  
E sabem fazer mais do que zurrar.

na, junto á mēsa, onde o marido de cotovēlos fincados, lia o folhetim em voz alta, deitava de vēz em vēz, a furto, olhares á filha.

Extranhava aquella melancolia della, sempre apprehensiva, deitando-se sobre o leito nuns grandes ataques de choro, grandes quebreiras, que a deixavam como mórtá por minutos, na cadeira em que cosia.

Precisava saber a causa daquelle desalentó. Amóricos, talvez. Arrufos que a matavam, coita ita!... Sempre fóra assim a Emilia. Já em pequenita passava horas mortas, sentada numa cadeira, a folhear grandes livros de estampas, que um tio desenhador, que morrēra tísico, lhe trazia.

Lembrava-se ainda daquella angina que a prostrára durante mēses num

E d'esta vez  
Lembreu-se o bruto de fallar francez.

Um vate, um pobre vate de trapeira  
Ignorado cantor, alma d'artista,  
Cantando o bem, singello e altruista,  
Tendo a tenir a misera algibeira,  
Offereceu-lhe na esperança d'alguns co-  
bros,

A esperança eterna dos poetas pobres,  
Em trez lições por mez  
Pô'o em estado de zurrar francez

O asno olhou-o de sos'aio e disse:  
«Não presta o teu francez. Eu já sei ma's,  
«E bem tolo era eu, se em tal cahisse lo

Este conto é moral entre os moraes;  
Por-certo percebem  
Que n'este caso, o burro... não sou eu!

LEOPOLDO FERREIRA.

## MISERIAS

(ESBOCETO)

A Elisinha era uma boa rapariga, a quem, todavia, dominava a paixão pelo luxo.

Este sentimento era, talvez, o unico defeito que se lhe podia notar. Bastante formosa, d'essa formosura, que, sem fulgir em demasia, captiva no entanto, bem formada de alma, dotada de uma educação relativamente primorosa, Elisa tomar-se-hia como um excellente modelo de mulher, se não fóra aquella monomania de grandeza.

Tudo quanto propendesse para aristocratico, nobre, tesandando a «bom tom», attrahia a de uma manelra fatal.

E não havia dissuadil-a d'essa levandade. Por mais que o pae e a mãe a censurassem, fazendo-lhe perceber, nitidas e repugnantes, as provaveis consequências desastrosas de tamanhos excessos, a luz não se produzia no seu espirito. «Não achava na sua conducta nada de extraordinario, dizia.» Nova, bonita, possuindo um gosto delicado, porque extranhavam que ella procuras se realçar esses dons, se, demais a mais, nem se prejudicava nem prejudicava alguém?!... Arruinava, acaso, o pae, um honrado e laborioso operario — com prando durante o anno tres ou quatro vestidos além de regular?! A que vinham, pois, as censuras familiares, constantes, quasi diarias, acompanhadas d'uma interminavel série de porphedias funebres, tétricas, a lançarem-lhe no coração um vag' sentimento de dôr?!...

Era d'esta maneira que Elisa respondia de si para si ás admestações paternas as quaes apezar de repetidas infinitasvezes, não logravam convencer-a de que procedia mal. Elisa via apenas nas palavras dos seus progenitores uma queixa implicita das despezas que a sua vaidade, expandindo-se em mil futilidades proprias do sexo a que pertencia, lhes acarretava. Inexperiente nas coisas do Mundo, ingênua, d'uma infantilidade typica, não comprehendia que existisse algum motivo superior a determinar as censuras de que se encontrava alvo. — D'ahi, a sua tacita disciplina, occulta, contudo, ora nas dobras de uma falsa obediencia hypocrita, ora n'uma supplica fervorosa diluida em lagrimas...

Pela sua parte, os paes de Elisa não se sentiam capazes de impôr a sua von-

leito, sempre a delirar, no excesso de febre, a caminhar a passos de gigante da vida para a morte. Mas então, que esforços! que canceiras!... Emilia salvára-se. A cauterisação da garganta fóra feita com cuidado, e dahi a mēses a Emilia que saíra do leito um cadáver, tomava umas côresinhas de saúde, ria com o sol, cantava com a manhãzinha clara que lhe entrava no quarto, amava o craveiro que dava lindas corollas branco-avermelhadas, e, nos seus quatorze annos, era o bulicio da casa num chalrear, numa risota constante.

Que longas tardes ella levava a marcar nas camisas e toalhas, a retróz vermelho, um grande E, cheio de arabescos e entrançados sobre o alvo do panno macio.

E depois, que criancieos, atrás do

tade á filha. Amavam-na com um amor impetuoso, immenso, com o incomparavel amor que se vota ao unico fructo de uma união feliz... Elisa era o seu idolo, o seu Deus, o seu tudo. N'ella se concentravam todos os seus pensamentos. Fósse ella feliz, que lhe importavam as suas proprias pessôas? — E obcecados por este amor infinito, que Elisa não correspondia proporcionalmente, cheios de uma dôce resignação evangelica, doendo-se á lembrança do magoar, sequer, de leve, a alma da sua alma, o sangue do seu sangue, elles iam transigindo pouco a pouco com a sua consciencia. Primeiro censuraram, em phrases de aspera reprimenda; depois, aconselharam; em seguida, estabeleceram um regimen de illimitada tolerancia; e, por fim, cerraram por completo os olhos aos imperdaveis caprichos da sua querida Elisa. Se elles a amavam tanto!...

Mas a cegueira ou benevolencia dos paes, não deformava nem impedia a visão normal dos outros individuos. Elisa era geralmente apontada, entre malevolos commentarios de acerada critica, na visinhança e nos centros que frequentava, pelas suas ridiculas pretensões a aristocrata. A má lingua popular achava n'ella assumpto para largas divagações besbilhoteiras. Ria-se dos seus ademanos, crivava-se de epigrammas os seus vestidos, barafustava contra a sua toleima. Até os paes de Elisa incluíam, n'estas expansões maledicentes, os zoilos de soalheiro. Este, chamava-lhes parvos; aquelles, orgulhosos; aquell'outros, imbecis. Ninguém lhes prestava justiça. Nem ao menos um dos «criticos» se accordou de que aquellas creaturas eram paes, e de que os paes se illudem sempre na operação dos filhos.

Entretanto, não passaram despercebidos a Elisa estes factos, que em muitas occasiões, sem o querer, observara. Considerava-se, porém, superiores a taes «ditinhos». Para ella, não devia classificar-se senão como um despeito irreprimivel, ou como uma inveja mal contida, aquella hostilidade aberta da visinhança e os fingidos obséquios das pessôas das suas relações. Desprezava-os, portanto, a ambos os factos. A sua consciencia não a accusava; seria tolice indesculpavel ralar se. Continuaria, pois, a divertir-se, a trajar consoante os seus gostos e predilecções, a buscar nos pontos de encontro das classes elevadas o segredo da sua felicidade singular. Embora o mundo o escarnecesse, a sociedade a ridicularisasse, ella saberia encolher os hombros com desprezo, n'uma expressão de suprêmo desdem, como signal de intransigencia ás imposições implicitas de meia dúzia de invejosos despeitados.

Tal a sua philosophia a esta parte.

Fôra até certo ponto um erro educativo que determinára aquelle modo de sêr de Elisa.

Julho de 1901

(Continua).

BOAVENTUR AAGUIAR.

O «Academico» encontra-se á venda em Lisboa na Galeria Moneta, nas tabacarias Neves no Rocio e Marques na Rua de Ouro.

Black, puchando-lhe pelo rabo, deitando-o no côlo, rindo dos saltos delle, dos miãos prolongados... Punha-lhe na cabeça um lenço e fazia do «bichano» uma «velha», entre risos do casal, que contemplava a obra da filha num envehecimento feliz.

— O diabo é a rapariga, diziam. E depois, ar de zangados:

— O' demonico, vê-se se o Black te arranha...

— Qual! — E sentenciosa a Emilia: — E' tão meu amiguinho... Black... Black... E espalhava pela macieza da pelle do bicho beijos vorazes de garota feliz, satisfeita, acriançada...

(Continua.)

JOSÉ VALDEZ.

## FOLHETIM D'O ACADEMICO

## LAR EM RUINAS...

(CONTO)

Uma tarde, escurecia levemente, fingindo o sol no occaso num poente côr de liláz e vermelho.

Era domingo e na rua nem viv'alma. Estava-se em dezembro e um friosinho duro, dum cortante metálico, feria as carnes de Emilia, que á janella, desmaiava a vista pelo céu toldado dumas névens esfarrapadas que se perdiam muito longe, coradas pelo sol num reflexo afogueado.

Estava ali sem saber que fizesse.

A mãe, sentada no canapé de palhi-

# COSTA, FERRAZ & C.<sup>TA</sup>

GRANDE casa de tecidos e confeções para senhoras

55, 57 — RUA DO CARMO — 59 E 61

## SALÃO DE MODAS

DE

Eugenia Augusta Montanha

73 A 77-R. DA ESCOLA POLYTECHNICA-73 A 77  
LISBOAChapeus, vestidos  
e confeções

Fazem-se enxovaes para noivas, Artigos de retrozeiro. Modernizam-se chapeus em renda, veludo, palha e feltro. Frizam-se e tingem-se plumas. Vendem-se moldes. Tomam-se encomendas para qualquer ponto do paiz.

## TABACARIA MARQUES

152 - Rua Aurea - 152  
LISBOA

Grande sortimento de tabacos nacionaes e estrangeiros. Boquilhas e cachimbos d'ambar e espuma. Boquilhas higienicas MARQUES. Figurinos, jornaes e illustrações portuguezas e estrangeiras.

## A. ABREU

ANTIGA CASA VIUVA SOARES & FILHO  
57 - RUA DO OURO - 59Completas novidades em joelheria  
e ourivesaria

## NETTOYAGE A SEC

Limpam-se, lavam-se e tingem-se fatos de todas as qualidades sem desmanchar e tiram-se nodos, especialista em limpar luvas a vapor. Concertam-se leques, bonecas, louças, vidros e diferentes bijouterias.

A. Henrique  
101 - RUA DO OURO - 101  
LISBOA

## TABACARIA L'aurorE

DE

I. P. FERNANDES

84 - Rua da Escola Polytechnica - 84  
(A S. MANEDE)

Tabacos nacionaes e estrangeiros, boquilhas, cigarreiras, tabaqueiras, e outros artigos. Toma-se encomenda de calçado de todas as qualidades, e garante-se o bom acabamento, e preços os mais modicos.

Affonso de Pinho  
& Coelho da Silva

## CASA DE NOVIDADES

145 a 249-R. DO OURO-145 a 149  
LISBOA

Objectos para brindes, sempre as ultimas novidades recebidas directamente de Paris, Londres, Vianna e Berlim. Marcas para cotillon e diversos artigos.

Luvania — Brinquedos — Chromos para boas festas — Corôas e flores.

## ALFAYATERIA CONFIANÇA

101 - Rua dos Fanqueiros - 1.º

DIRIGIDA POR

A. CARDOSO

Ex-contramestre da CASA NUNES CORREIA

Participa aos seus amigos e conhecidos que se acha habilitado para os poder servir nas melhores condições, tanto em preços como em perfeição, para isso se acha montado este estabelecimento para poder executar toda a qualidade de obra, tanto para homem como para senhora e crianças, e com especialidade obra á militar, pois que ha pouco quem a execute.

## GRANDE ALFAYATERIA DA POLYTECHNICA

Liquidação de fatos e casimiras  
da presente estação

FATOS quasi de graça

Fatos de 3\$000 réis até 30\$000 réis. Perfeito acabamento e forros á escolha do freguez. Todas as fazendas são molhadas. Fornecem-se amostras a quem as requisitar. Fatos para luto feitos em 10 horas. Fatos para os empregados da Companhia Real. Esta casa abre aos domingos.

Rua da Escola Polytechnica  
65, 67, 69 e 71

O PROPRIETARIO

A. S. Fração.

## PAPELARIA PALHARES

141 - RUA DO OURO - 143  
LISBOA

Typographia e Lithographia a vapor. Papeis de phantasia e artigos de novidade para brindes. Deposito exclusivo do papel Rainha D. Amelia (papel da moda). Vendas por atacado e a retalho. Retratos a crayon. Letras de cobre e esmaltadas.

## Fanqueiro, Retrozeiro e Modas

ALVARO COSTA &amp; CARVALHO

Especialidade em cauisaria e gravataria. Meias e espartilhos. Leques, passamanterias e rendas. Tecidos de novidade em seda, lã e algodão.

89 - R. da Escola Polytechnica - 91  
LISBOA

## J. VILLAS BOAS MEDICO

Especialista em doenças das senhoras  
Praça Luiz de Camões

## VIGIA

CAFÉ E BILHARES  
AVENIDA DA LIBERDADE

Contra as escrophulas, rachitismo, tuberculose pulmonar, debilidade geral, etc.

Vinho de extracto de figados de bacalhau, de Alberto Veiga, PHARMACEUTICO.

Este producto não tem o menor cheiro ou sabor do oleo de figados de bacalhau embora possua todas as propriedades d'este bello agente. E' preparado com excellente vinho do Porto. Toma-se aos calices na occasião da sobremeza, Garrafa, 1\$000 réis.

## Contra as tosses

Bronchites e outras doenças de peito

### Remedio effcaz

Xarope de chlorhydro phosphato de cal com guaiacot, de Alberto Veiga, PHARMACEUTICO.

Frasco, 800 réis

## Molestias de pelle

As feridas, impigens, etc., curam-se depressa com a pomada de salicylato de chumbo composto, de A. Veiga, pharmaceutico. Caixa 120 réis, pelo correio, 130 réis.

## Doenças secretas

As Capsulas d'essencia de sandalo citrino, de Alberto Veiga, pharmaceutico, curam rapidamente as blennorrhagias (purgações) e catarrho de bexiga. Frasco 500 réis. pelo correio 550. O seu uso é inoffensivo, e um só frasco é sufficiente muitas vezes para obter a cura. Depositos: Coimbra, pharmacia Rodrigues da Silva, Calçada, 28; Porto, pharmacia dr. Moreno, S. Domingos, 44; Lisboa, pharmacia Alberto Veiga, 42, rua dos Retrozeiros.

## JOÃO CANONGIA Joalheiro

Acaba de receber uma bonita e bem escolhida colleção de carteiras,

277, Rua Aurea, 277 — LISBOA

## COSTA RODRIGUES Medico-Cirurgião

Tratamento das doenças de bocca, collocação de dentes pelos processos mais aprefeiçoados.

Praça Luiz de Camões — LISBOA